

## SETE DE SETEMBRO

Na Esplanada dos Ministérios, o presidente Lula assiste à parada da Independência ao lado do presidente do Congresso, da presidente do STF, dos comandantes militares e das nove ministras que permanecem em sua equipe

Carlos Vieira/CPA/Á. Press



Lula acompanha a passagem das tropas, ao lado do comandante do Exército, Tomás Paiva, e do ministro da Defesa, José Múcio Monteiro

# Desfile cívico, militar e restrito ao protocolo

» HENRIQUE LESSA  
» INGRID SOARES

Apesar do esquema de segurança reforçado após os ataques de 8 de janeiro, o desfile de Sete de Setembro, em Brasília, foi marcado pela retomada da normalidade institucional e pela despolitização da data. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi acompanhado na tribuna pelos presidentes dos demais Poderes, o senador Rodrigo Pacheco (PSD-MC), do Congresso Nacional, e a ministra Rosa Weber, do Supremo Tribunal Federal (STF), que, nos últimos quatro anos, evitaram comparecer ao evento por causa da coloração político-ideológica adotada pelo então presidente Jair Bolsonaro (PL).

Durante o desfile, Lula precisou se sentar diversas vezes, demonstrando o incômodo da dor no quadril. Desconforto que, na quarta-feira passada, o fez

transferir todos os compromissos para o Palácio do Antecessor. Lula seguiu com rigor o protocolo da comemoração.

A despolitização da data faz parte da estratégia do governo de desvincular do bolsonarismo os símbolos nacionais. Diferentemente dos últimos quatro anos, o evento não teve discursos de autoridades nem provocações às instituições ou adversários. Lula seguiu o protocolo militar de abertura do desfile e chegou ao evento no Rolls Royce presidencial, ao lado da primeira-dama, Janja da Silva.

Apesar de ovacionado pelo público, que lotou as arquibancadas, o desfile seguiu o tom protocolar. Mas a despolitização não significou que Lula não tenha passado recados. Mesmo com a fisionomia cansada, o presidente — assim como o público — aplaudiu muito o personagem Zé Gotinha, símbolo da retomada da política

pública de vacinação, desencorajada no mandato do antecessor. Alinhado à estratégia do governo de reconstruir a unidade e diminuir a polarização, seis soldados indígenas da 2ª Brigada de Infantaria de Selva, de São Gabriel da Cachoeira (AM), perfilam em frente à tribuna de honra e, em seus idiomas originários, entoaram as frases "Viva a independência do Brasil. Tudo pela Amazônia. Selva".

Lula também tirou fotos de mãos dadas com o ministro da Defesa, José Múcio Monteiro, e com os chefes das três Armas, os comandantes do Exército, Tomás Ribeiro Paiva, da Aeronáutica, Marcelo Kaniiz Damasceno, e da Marinha, Marcos Sampaio Olsen, buscando demonstrar a mudança na relação institucional do Planalto com os militares.

O ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social da Presidência (Secom), Paulo Pimenta, disse que o objetivo do



**Feliz de assistir a um desfile de 7 de Setembro tão bonito como o de hoje. Um show de democracia, soberania e união"**

**Luiz Inácio Lula da Silva,**  
presidente da República

dia era "devolver o Sete de Setembro ao povo brasileiro como uma data da democracia".

A inusitada presença, registrada pelo Correio em meio à plateia, do general Carlos Alberto dos Santos Cruz, ex-ministro do governo de Bolsonaro, ajudou a reforçar o lema de união do novo governo. (Leia mais na página 3)

Na tribuna Lula sentou-se estrategicamente cercado por todas as nove ministras mulheres do governo, uma resposta às críticas que vem recebendo por causa da redução da participação feminina na Esplanada.

## Saldo

Sem o clima de comício do ano passado, o público em Brasília foi menor do que em 2022, segundo informações da Polícia Federal e do Exército. A Secom divulgou estimativa preliminar de cerca de 50 mil pessoas na Esplanada. Boa parte desse público recebeu bonês e bandeiras promocionais com as cores do país.

Além da ausência do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), que viajou para Alagoas, também não compareceram os ministros recém-anunciados André Fufuca (PP-MA) e Sílvia Costa Filho (Republicanos-PE), da cota do Centro. Do gabinete de Lula não assistiram

ao desfile os ministros Fernando Haddad (Fazenda), Mauro Vieira (Relações Exteriores), Flávio Dino (Justiça), Carlos Lupi (Previdência Social) e Wáldez Góes (Integração e Desenvolvimento Regional).

Após o desfile, o presidente Lula e outras autoridades se manifestaram nas redes sociais. "Feliz de assistir a um desfile de 7 de setembro tão bonito como o de hoje. Um show de democracia, soberania e união", postou Lula.

"Após tudo que se viu e viveu nos últimos tempos, o 7 de Setembro ganha novo significado. O Brasil e suas cores não podem ser sequestrados por movimento político-ideológico nenhum", disse o ministro do STF Gilmar Mendes.

Na sequência, Lula embarcou para a Índia, onde participará da 18ª Cúpula de chefes de Estado e governo do G20, grupo que reúne as 19 maiores economias do mundo e a União Europeia. O encontro acontece entre os dias 9 e 10. (Leia na página 7)

## No Rio, evento volta à Presidente Vargas

» EDLA LULA

No Rio de Janeiro, o desfile cívico-militar voltou ao seu palco tradicional, a Avenida Presidente Vargas, no centro cidade, após dois anos de interrupção. A cerimônia vinha sendo realizada na Praia de Copacabana, na Zona Sul, primeiramente por causa da pandemia de covid-19 e, depois, por escolha política do então presidente Jair Bolsonaro, que usou a data como palanque político.

Em 2022, em plena campanha pela reeleição, Bolsonaro seguiu para o Rio logo após o término das celebrações em Brasília, e discursou para uma multidão

de apoiadores vestidos de verde e amarelo, com transmissão pela TV oficial do governo. A Justiça Eleitoral proibiu a divulgação das imagens na propaganda do então candidato. O Ministério Público Federal chegou a mover uma ação pedindo que o Estado brasileiro peça desculpas por se omitir ao não impedir que a cerimônia democrática se confundisse com evento político-partidário.

As atividades de ontem, acompanhadas pelo governador Cláudio Castro (PL), contaram com o acendimento da pira com o fogo simbólico da Pátria, seguido da salva de gala de 21 tiros de canhão. O desfile, com duração de



duas horas, teve a participação do Exército Brasileiro, da Marinha do Brasil, da Força Aérea Brasileira, das polícias Militar e Civil do estado do Rio de Janeiro, do Corpo de Bombeiros Militar, da

Secretaria de Administração Penitenciária, da Guarda Municipal e de várias escolas e entidades civis. O desfile contou também com diversos blindados, viaturas, motocicletas e tropas a cavalo.

## Sambódromo paulista

Em São Paulo, o Sambódromo do Anhembi contou com a presença de 9 mil integrantes das três Forças Armadas, além de

Militares voltaram ao centro do Rio de Janeiro, depois de dois anos de desfile em Copacabana

integrantes das forças de segurança estadual e municipal e de entidades civis. A bandeira nacional não foi hasteada porque, segundo o prefeito Ricardo Nunes, "o mastro está em manutenção".

Sem presença do público, o evento foi aberto com a revista às tropas, na Avenida Olavo Fontoura, pelo governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), o prefeito Ricardo Nunes (MDB) e oficiais gerais das Forças Armadas. Na abertura do desfile, o governador Tarcísio subiu em um blindado Guarani, do Exército. Em determinado momento, o locutor oficial do evento chamou de "revolução" o golpe militar de 1964.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

**Seção:** Política **Página:** 2